



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA GRANDE DOURADOS**

---

---

**WELLITON QUARESMA DE LIMA**

**IMPLICAÇÕES DO DISCIPULADO DE JESUS À IGREJA  
CRISTÃ CONTEMPORÂNEA**

---

**Dourados  
2020**



CENTRO UNIVERSITÁRIO DA GRANDE DOURADOS

---

---

**WELLITON QUARESMA DE LIMA**

**IMPLICAÇÕES DO DISCIPULADO DE JESUS À IGREJA  
CRISTÃ CONTEMPORÂNEA**

Trabalho apresentado na Disciplina de  
Trabalho de Conclusão de Curso do ano de  
2020, Curso de Bacharel em Teologia da  
Faculdade UNIGRAN – Centro  
Universitário da Grande Dourados

Professor Msc. Ronel Pereira

---

**Dourados  
2020**

# IMPLICAÇÕES DO DISCIPULADO DE JESUS À IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA

Welliton Quaresma de Lima<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho de cunho qualitativo, foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica, de forma híbrida nas suas modalidades, seguindo pelas fases exploratória, seletiva, reflexiva e interpretativa. Objetivou-se produzir uma investigação no campo da Teologia Prática, na expectativa de problematizar as implicações do discipulado de Jesus Cristo para a Igreja Cristã nos dias atuais. Pensou-se algumas demandas culturais, filosóficas e comportamentais que permeiam os valores da sociedade hodierna que por sua vez apresenta-se em seu cerne de forma líquida, consumista, individualista, materialista, pluralista, relativista e fortemente mediatizada. A investigação norteou-se por questionamentos e reflexões pertinentes a esses conceitos e suas possíveis influências nas práticas do desenvolvimento do discipulado cristão nas dinâmicas das instituições eclesiais atuais. Intentou-se fomentar ações reflexivas para o repensar do sentido do discipulado para os crentes que vivenciam o momento histórico da contemporaneidade e quais as implicações individuais e coletivas do discipulado na vida daquele que decide por seguir os passos do Messias. Embora os desafios sejam vultosos, salienta-se que a igreja não pode se acuar dando lugar aos parâmetros sociais, culturais, econômicos, filosóficos desta era, deixando de lado os ensinamentos deixados pelo Senhor Jesus Cristo na sua prática e palavras, bem como o mandato primordial de que se faça discípulos de todas as nações, pois esta é a Missão de Deus a qual estamos envolvidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discipulado, Igreja, Contemporaneidade, Desafios.

## ABSTRACT

This paper with qualitative intent, was carried out through bibliographic research, in a hybrid way in its modalities, following the exploratory, selective, reflective and interpretive phases. In order to produce an investigation in the field of practical theology, expecting to problematize the implications of Jesus Christ's discipleship for the Christian Church nowadays. Thought about some cultural, philosophical and behavioral demands that permeate the values of modern society which in turn presents itself at its core in a liquid, consumerist, individualistic, materialistic, pluralistic, relativistic and strongly mediatized way. The investigation was guided by questions and reflections pertinent to these concepts and their possible influences on the practices of the development of Christian discipleship in the dynamics of current ecclesiastical institutions. An attempt was made to encourage reflective actions to rethink the meaning of discipleship for believers who experience the historical moment of contemporary times and what are the individual and collective implications of discipleship in the life of those who decide to follow in the footsteps of the Messiah. Although the challenges are enormous, it is emphasized that the church cannot stand by giving way to the social, cultural, economic, philosophical parameters of this era, forgetting the teachings left by the Lord Jesus Christ in his practice and words, as well as the primary mandate to make disciples of all nations, for this is the Mission of God in which we are involved.

**KEYWORDS:** Discipleship, Church, Contemporary, Challenges.

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura Plena em Artes Visuais, pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP; Pós graduado em Estudos Culturais e Políticas Públicas, pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP; Graduando do Curso de Bacharelado em Teologia na modalidade EAD, pela Universidade da Grande Dourados – UNIGRAN. Dourados - MS.

## INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva fomentar problematizações de questões pertinentes a conceitos e práticas no desenvolvimento do discipulado cristão no contexto das dinâmicas vivenciais na contemporaneidade. Para tanto, levou-se em consideração os desafios das formas de pensar, viver e interpretar a vida pelos sujeitos pós-modernos. Tendo em vista que dentro da cosmovisão cristã cada crente tem por ação primordial o fazer discípulos, reflete-se quais as implicações do discipulado na vida do sujeito cristão contemporâneo? Como as comunidades de fé tem compreendido o discipulado nos dias de hoje? Quais os desafios a serem enfrentados ao se pensar no desenvolvimento do discipulado de Jesus nos dias atuais?

Este empreendimento investigativo de cunho qualitativo, foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica, de forma híbrida das suas modalidades exploratória, seletiva, reflexiva e interpretativa. Para desenvolvimento das reflexões observou-se escritos de teólogos que se debruçaram a pensar a questão da práxis do discipulado para o tempo hodierno tendo em vista os padrões apresentados por Jesus Cristo na sua experiência encarnacional, juntos aos seus discípulos, e as questões pertinentes as dinâmicas da vida em sociedade nos dias atuais. Para tanto, tomou-se também como referente teórico escritos de sociólogos que investigam as práticas sociais individuais e coletivas dos sujeitos pós-modernos.

No primeiro momento salientamos conceitos norteadores do que vem a ser o discipulado de Jesus, quais as implicações individuais e coletivas do discipulado na vida daquele que decide por seguir os passos do Messias e recebe dele, juntamente com todos os demais crentes, o mandato da Grande Comissão registrada nas Sagradas Escrituras, especificamente o registrado pelo evangelista Mateus no seu evangelho no capítulo 28 e nos versículos de 18 a 20.

No segundo momento observam-se as questões que envolvem o mundo contemporâneo, altamente globalizado, urbanizado, midiático, tecnológico, consumista, materialista, relativista, hedonista, individualista, questões estas que adentram as portas das comunidades de fé cristã e contaminam as formas existenciais dos indivíduos e das igrejas. Este espírito contemporâneo possui os sujeitos contemporâneos de forma consciente e inconsciente, não é necessária muita investigação para perceber empiricamente como as igrejas têm sido afetadas por esses pensamentos, comportamentos, filosofias, pelo espírito que predomina no mundo na atualidade.

Por seguinte, desenvolve-se alguns aprofundamentos e apontamentos reflexivos do ser/fazer discípulo de Jesus nos dias atuais, levando em consideração os conceitos de discipulado apresentados no primeiro tópico e as demandas filosóficas e comportamentais da sociedade contemporânea, pensando os desafios do processo do discipulado na dinâmica existencial pós-moderna para além do paradigma do culto-clero-domingo que constitui o status quo de grande parte das igrejas hodierna consolidadas sob estruturas e programas.

## **1 SEGUIDORES DE JESUS: O QUE É O DISCIPULADO?**

Partimos da compreensão de que cada cristão tem intrinsecamente em suas vivências terrenas a responsabilidade de proclamar as boas novas do Evangelho do Cristo, O Filho do Deus vivo, e fazer discípulos como ordenado pelo Messias, registrado na carta epístola de Mateus:

Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém. (MATEUS 28:19,20)

Atentando para o imperativo das palavra de Jesus Cristo e diante dos desafios da vida contemporânea, compreende-se que o discipulado não finda-se em si mesmo, mas é parte do processo de tornar-se semelhante ao próprio Cristo, um homem a imagem e semelhança não mais de Adão, mas de Jesus, o filho que alegra o coração de Deus (KIVITZ, 2016). Este é um processo de “libertação do ser humano de todos os preceitos humanos, de tudo o que o oprime, de tudo que o sobrecarrega, de tudo que lhe suscita preocupação e dor na consciência” (BONHOEFFER, 2016, p. 13).

Kivitz (2016), recorda que esse processo deve ser natural na vida de todo daquele que assume a responsabilidade e o privilégio de seguir os passos de Jesus, como seu “Talmid”<sup>2</sup>. Ouvindo o chamado do Mestre, entra-se numa outra dimensão da peregrinação na existência, o indivíduo já não vive guiado por seus próprios desejos ou levado pelas ordens que regem o mundo, pois este não é um exercício meramente intelectual, mas de mudança de vida, caminhar com Jesus “implica mais do que acreditar em algumas verdades. No discipulado, seguir é imitar. Imitar para se tornar igual ao mestre. Seguir a Jesus para se tornar igual a Jesus” (KIVITZ, 2016, p. 8)

---

<sup>2</sup> Kivitz (2016) explica que Talmid no Novo Testamento traduz por discípulo, e que na cultura de Israel na época de Jesus “ a relação “mestre e discípulo”, “rabino e talmid”, e a presença dos meninos talmidim eram parte essencial da cultura e da tradição religiosa e espiritual de Israel” (2016, p. 7).

Caminhar com Jesus, imita-lo, conduz o discípulo à uma vida na qual o chamado primordial é multiplicar discípulos, não meramente de forma conceitual, mas prática, na vivência cotidiana, nos afazeres diários do professor, comerciante, advogado, delegado, todos são chamados a multiplicar a mente e vida de Cristo.

Além de ser um constante processo de assemelhar-se com Jesus, é também um processo de ajudar outros a ser semelhante ao mestre. O discipulado, portanto, é tanto ser como fazer, aprende-se a ser com aquele que é o modelo e ajuda-se, por meio de relacionamentos, a desprenderem-se da sua velha natureza para trilharem juntos o novo caminho, nova vida proposta pelo Cristo. Fabricio Freitas (2015a, p. 102) reforça essa compreensão ao dizer que “o “ide” é algo que deve acontecer todos os dias, à medida que o discípulo vai caminhando”, portanto, não é eventual, pontual, mas constante, não institucionalizado, mas pessoal, relacional, dialógico. Freitas (2015b), refletindo sobre o tema do discipulado e a realidade vivenciada nas igrejas hoje, diz:

Muitos crentes apenas transferem suas responsabilidades em termos de fazer discípulos para o coletivo ou para a liderança. Fazem tudo, menos cumprir a missão. Alguns são até bem intencionados. No que diz respeito à nossa cultura centralizada no templo, são até considerados bons crentes, pois: são alunos da Escola Bíblica Dominical, são participativos em todas as atividades, inclusive nas sessões administrativas, são fieis na doutrina e até zelosos dela, são fiéis dizimistas, não dão trabalho para o pastor nem para a liderança, (...) Mas pergunte a esses irmãos: “Quantos discípulos já fizeram em toda a vida ou estão fazendo agora?”. Experimente lançar essa pergunta em um culto dominical e quase todos baixarão a cabeça de vergonha. Esse incômodo é proporcional ao tanto que a Grande Comissão está distante do dia a dia da maioria de nós. Por que um cristão deveria estranhar ser avaliado à luz de seu chamado primordial? A única resposta possível é que o nosso conceito do que é ser um bom cristão pode ter se afastado da ideia original de Jesus. (FREITAS, 2015b, p.43)

Diante dessas considerações, reflete-se o status quo da igreja contemporânea, como se compreende o discipulado, como este tem sido desenvolvido no seio das instituições religiosas atualmente. Kivitz (2008), pensando o status quo da igreja hoje, percebe que há um enfoque para o "culto, clero, domingo e templo", tornando-se uma igreja baseada em estruturas e programas. O autor ressalta o que seria o discipulado:

O discipulado, portanto, é um processo, e não um programa. Discipular não consiste em fazer com que alguém se envolva com atividades religiosas, como cultos, classes para estudos bíblicos, e eventos diversos. Discipular é compartilhar a vida, é envolver-se num relacionamento pessoal, à luz da palavra de Deus, para que o

Espírito Santo encontre espaço e recursos para transformar o estilo de vida completo dos discípulos. (KIVITZ, 2008, p.60)

Este é o grande desafio das comunidades de fé nos tempos hodiernos, voltar aos princípios do discipulado ensinado por Jesus, para impactar o mundo que está envolvido no consumismo, individualismo, materialismo, entre outros espíritos que imperam nas correntes formas de viver dos sujeitos, cristãos ou não.

Carvalho (2016, p. 16), salienta que precisamos de “um novo despertamento para o discipulado”. O que Carvalho (2016) ressalta é o grande distanciamento que a igreja cristã vivencia do processo de fazer discípulos no modelo de Jesus, salientando que o maior problema disso é que há falta de exemplos de como se fazer, falta de demonstrações claras de como se desenvolve na prática o discipulado nos molde vivenciados por Cristo. Esta é uma realidade que deve conduzir os crentes a repensarem os paradigmas da igreja hoje, o status quo, as estruturas e os programas.

## **2 REFLEXÕES DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS PARA O DISCIPULADO**

Pensar o mundo contemporâneo é por si uma tarefa árdua devido as suas múltiplas e complexas dimensões, mas a igreja do Senhor precisa refletir criticamente as questões da sua realidade, por isso intentou-se fazer aqui um breve apanhado de alguns conceitos e faces da dinâmica da vida contemporânea que afetam direta e indiretamente a compreensão e o desenvolvimento do discipulado de Jesus nos dias atuais.

Sobre isso, Jonh Stott (2014), em seu livro “Os cristãos e os desafios contemporâneos”, salienta em uma de suas reflexões sobre as demandas atuais para a vivência e influência do cristianismo na atualidade, questões complexas e desafiadoras sobre o pensamento pós-moderno que se estabelece de forma pluralista<sup>3</sup>, secularizado, onde “as antigas certezas e convicções de que a humanidade teria respostas para os problemas da vida têm dado lugar a um novo sentimento de incerteza e até mesmo de ansiedade [...]” (STOTT, 2014, p. 76).

É diante desta realidade que a igreja contemporânea se estabelece, nesse contexto que os crentes em Jesus buscam desenvolver sua fé e por em prática o mandato divino de fazer

---

<sup>3</sup> Jonh Stott explicita que “O pluralismo, então, não é apenas uma expressão dos vários grupos étnicos e religiosos da sociedade. Ele também envolve a fragmentação de todos os tipos de crenças, devido a não haver mais um compartilhamento de valores e devido a desconfiança em qualquer tipo de autoridade, particularmente a política e a religiosa.”(STOTT, 2014, p. 76)

discípulos por todo o mundo. Apesar dos seguidores de Cristo carregarem o entendimento de que “não são deste mundo”, eles não são imunes as influencias da sociedade em que estão inseridos.

Nesse sentido, o pluralismo se manifesta como um grande desafio para o entender e compartilhar das verdades absolutas contidas na bíblia, pois a partir da perspectiva pluralista o que se entende é que existem múltiplas verdades e caminhos para se chegar a Deus. Esse entendimento acaba dificultando a aproximação discipular pelo seguinte motivo: já que todos os caminhos são viáveis, por que então seguir somente a Jesus? Por que seguir determinando seguimento religioso e não outro? Em que verdade firmar a fé?

Este já é um fato que pode ser verificado na realidade da igreja contemporânea no Brasil, que já sofre com os efeitos do pluralismo nos diversos movimentos denominacionais, não só protestantes, mas também católicos, como ressalta Villasenor (2013):

De acordo os dados dos censos, nas últimas décadas no Brasil há um pluralismo religioso, que se manifesta com a perda de fiéis da Igreja Católica, principalmente para os evangélicos pentecostais, o aumento dos "sem religião" e com o aparecimento de novas formas de crer. Ao monopólio religioso se contrapõe o mercado religioso, característico das sociedades modernas, pluralistas do ponto de vista religioso.( VILLASENOR, 2013, p. 28)

Essas transformações, aberturas para novas formas de se compreender e viver a experiência da fé, são também transpassados por outro fenômeno contemporâneo que apresenta-se como vultoso desafio para a pratica do discipulado, a fragmentação das instituições, a liquidez<sup>4</sup> dos relacionamentos, como ressaltado por Bauman (2001). O autor diagnostica que o projeto da modernidade foi pautado na “liquefação”, derretimento das bases sólidas da sociedade, nas palavras do autor:

Se o “espírito” era “moderno”, ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da “mão morta” de sua própria história — e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo). Essa intenção clamava, por sua vez, pela “profanação do sagrado”: pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da “tradição” — isto é, o sedimento ou resíduo do passado no presente; clamava pelo esmagamento da

---

<sup>4</sup> Bauman (2001, p. 08) no seu livro “Modernidade Líquida” constrói a crítica da era moderna com base no conceito de liquidez por, como ele explica, “Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam” são “filtrados”, “destilados” diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos — contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho”, por conta disso ele faz a associação metafórica com a realidade da vida moderna fluida.

armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à “liquefação”. (BAUMAN, 2001, p. 08)

Nesse sentido refletimos os respingos desse movimento de dissolução das antigas bases sociais, como crenças, tradições, o sagrado, promovendo novos sólidos, novas certezas que substituiriam as antigas ordens herdadas construindo assim “outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável” (BAUMAN, 2001, p. 09), uma nova ordem balizada pelos negócios, capital, mercado, competitividade, individualização.

Esses parâmetros nos ajudam a perceber uma das nuances da contemporaneidade que também afeta explícita e implicitamente o discipulado, o consumismo aliado ao individualismo. Diante de um estado que apresenta-se como neo-liberal, globalizado, capitalista, materialista, e que abre caminhos para o desenvolvimento da competitividade comercial, as igrejas entram no jogo do consumismo e investem seus recursos financeiros e humanos na produção de estruturas e programas que sejam relevantes para os crentes consumidores e individualistas que perambulam em busca de boas atrações semanais, “as diferentes igrejas ou agências religiosas competem entre si, agora diante de um Estado neutro e assegurado da livre concorrência pela preferência dos leigos consumidores” (NEGRÃO, 2005, p. 24).

Esse parâmetro do consumismo acaba afastando os sujeitos do chamado primordial, afetando tanto o sentido de discipulado enquanto ser, porque vão em busca de uma divindade que os supra materialmente, como propõem a teologia da prosperidade, como do discipulado enquanto fazer, pois o que interessa a este sujeito consumidor é ser servido pelas instituições religiosas, e não servir os outros.

Freitas (2015, p. 28), pensando as características de boa parte das igrejas contemporâneas, diz que uma dessas características é justamente a produção de programas para crentes materialista, consumidores que “só querem ser servidos do que a igreja pode lhes oferecer. Um número pequeno, quando muito de 20%, trabalha, enquanto 80% se beneficiam”. O autor diz mais:

Infelizmente, a cultura materialista tem nos levado a uma inquietude de querermos sempre mais. O consumismo de nossos dias nos faz andar ansiosos, insatisfeitos com o que temos, buscando algo novo que traga a tão desejada felicidade. A mídia exerce grande influência, estimulando-nos a invertermos os valores, privilegiando o “ter” no lugar do “ser”. (FREITAS, 2015, p. 37)

Esses modelo de crentes movidos pelo consumismo individualista, autocentrados, que valorizam mais o ter do que o ser, apresentam grande resistência a esforçar-se para desenvolver relacionamentos, envolvendo-se de forma dialógica com outros, partilhando dos desafios e problemas alheios, colocando seus bens, tempo, sua vida a disposição de outros para que possam conhecer e ser como Jesus.

Outro fator que salientamos como possível barreira para uma compreensão e prática do discipulado segundo o padrão de Jesus nos dias atuais é a influência das mídias e das tecnologias na vida dos sujeitos. Este ponto não é menos importante e complexo, compreendemos que é também uma dimensão vivencial da atualidade que afeta direta e indiretamente a práxis discipular. A massificação das mídias visuais e a internet nas vidas dos sujeitos atuais, apesar de ser um grande salto da humanidade para maior comunicabilidade e socialização num nível global, o ciberespaço pode também acabar se tornando um grande embaraço para o desenvolvimento do discipulado.

Apesar de não queremos fazer juízo de valor, ou demonizar a utilização da internet e seus apetrechos, é necessário que façamos algumas reflexões sobre esses novos campos de socialização, os “mundos virtuais oferecem características interessantes, tais como a sensação de uma nova realidade e de um novo corpo” (KOZINETS, 2014, p.94). O bombardeio de imagens e informações nas redes virtuais é realidade nos cotidianos de praticamente todos os sujeitos contemporâneos que possuem acesso à rede mundial de computadores, que se estabelece como lugar comum para a navegação em busca de materiais para consumir.

É verdade que esta pode ser uma ferramenta potente para se constituir relacionamentos discipuladores mesmo a distância, mas a questão é que esse novo mundo virtual se mostra também como potencializador de distanciamentos (nas múltiplas dimensões e contextos). Usuários da internet e das mídias sociais podem se tornar dependentes destas, ocasionando em um distanciamento do contato físico, afetivo, diálogos presenciais podem se tornar um verdadeiro desafio.

Este é um fator que precisamos nos debruçar e pensar com seriedade se quisermos dar respostas às demandas contemporâneas do discipulado cristão, pois a sedução das redes sociais, das imagens, múltiplas plataformas de interação e consumo virtual é real e está permeada nas rotinas cotidianas dos sujeitos modernos.

Kozinets (2014), fazendo uma reflexão histórica a respeito das transformações nas subjetividades das redes de relações sociais pelo surgimento de novas tecnologias, que suscitam novos paradigmas, lembra que:

[...] assim como as ferrovias alteraram a percepção subjetiva das pessoas do que era possível em termos de cobrir uma determinada distância em uma determinada quantidade de tempo, também a computação em rede transformou radicalmente as ideias das pessoas sobre com quem, quando, como, com que frequência e até por que elas podiam se comunicar. É essa compreensão subjetiva que, em muitos aspectos, é tão significativa para um entendimento cultural da internet, pois ela vem acompanhada de reflexividade, consciência, percepções de limitação e discursos de emancipação.

Esse sentimento de liberdade para se navegar onde quiser, na hora que quiser, a emancipação no desenvolvimento de consciências de mundo e na construção de perspectivas autônomas da fé e da vida espiritual pode acabar se convertendo em um veneno fatal para o mesmo intento, visto que na ampla possibilidade de contato com diversos pensamentos e filosofias o sujeito desapercibido pode acabar enveredando para um complicado relativismo e sincretismo, pois como ressalta Villasenor (2013):

A partir da midiatização digital do fenômeno religioso, portanto, vai acontecendo uma metamorfose das crenças, somadas aos diversos outros âmbitos sociais e históricos que evidenciam esse processo. Ou seja, embora mantendo alguns de seus aspectos tradicionais, produzem-se novas qualidades do religioso. Mas não podemos perder de vista que a hierofania nunca se restringe a um único âmbito do humano. Por meio da midiatização, revelam-se algumas faces desse sagrado, que não se limitam a essas manifestações. O sagrado escapa ao midiático. Paralelamente aos ambientes online, continua-se vivendo, praticando e experimentando religiosidades nos tradicionais espaços de culto, em crescentes tensões e desdobramentos. (VILLASENOR, 2013, p. 111)

Esta é uma percepção endossada pelo Pastor e teólogo Marcos Kopeska (2018), ao pensar as implicações da utilização da internet no cotidiano dos crentes:

Não temos mais a totalidade nem a exclusividade nessa missão. É crescente o número de cristãos sugestionados por vídeos, cultos online, pregações no YouTube, seminários de ensino a distância. E, a partir desses ensinamentos, formam opiniões e solidificam conceitos. Não quero fazer juízo de valores sobre os meios de comunicação, mas é fato que eles repaginaram o espaço de ensino e de pregação do cristianismo. Encontramos crentes pentecostais com pensamento calvinista por influência dos vídeos de John Piper, Augusto Nicodemus e Paul Washer, da mesma forma como nos deparamos com luteranos sob a influência neopentecostal das redes de TV gospel e DVDs de mega pregadores da prosperidade (KOPESKA, 2018, p. 13)

O amplo acesso a conteúdos e pensamentos distintos não é por si só maléfico, mas pode incorrer em grandes dificuldades para a consolidação de um relacionamento discipulador, podendo resultar em tensões, considerando que a ordem de Jesus é “Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado”, mas a partir da perspectiva de que teólogo? De qual vertente interpretativa ou filosófica? De qual direcionamento doutrinário? O excesso de informações pode em algumas instâncias se tornarem maléficas numa perspectiva doutrinária.

Não há espaço aqui para comentarmos também as sutis formas de contaminação com conteúdos que desvirtuam o crente de sua caminhada de santidade, que o envolvem num espírito de comodismo, apatia as questões da vida real, insensibilidade, dentre outras questões que não cabe comentar aqui. Reiteramos que não há pretensão de demonizar as mídias eletrônicas, a internet, mas o fato é que estão dentro dos lares, aparelhos telefônicos se tornaram quase como uma extensão do corpo humano e são acessados diariamente por uma quantidade bem relevante de tempo diário, enquanto o estudo das escrituras, a oração e o contato com a comunidade local é colocada muitas vezes em segundo plano.

### **3 APROFUNDAMENTO REFLEXIVO DO SER/FAZER DISCÍPULO DE JESUS**

Com o passar do tempo, logo já nos primeiros séculos depois de Cristo, a Igreja sofreu algumas distorções do seu sentido ontológico, de sua missão, de sua razão de ser, envolvendo-se diretamente com o poder do estado, valorando mais as benéncias da vida material do que a pregação sincera das palavras de Cristo, isso tudo é ainda mais evidente nos dias atuais.

Dentre outros fatores, isso se percebe pela forma com que grande parte das instituições religiosas tem desenvolvido e falado a respeito de sua tarefa primordial que é o ser/fazer discípulo, compreendendo-o e classificando-o como mais um de seus departamentos, ou como mais um programa nas suas agendas eclesiais, não encarando-o como algo relacional, dialógico, vivenciado no decorrer dos dias, de forma pessoal, íntima. Sobre esse processo histórico, Freitas (2015), comenta:

Com essas mudanças, o condicionamento da igreja a quatro paredes foi inevitável. A espiritualidade dá lugar à religiosidade. A construção de catedrais fez com que a vida da igreja migrasse das casas para os auditórios. A disposição em forma de círculo em pequenos grupos foi substituída pelas fileiras de bancos. O relacionamento intenso entre irmãos deu lugar ao contato apenas mais uma das coisas a fazer dentre inúmeras outras para realizar. A Grande Comissão sai do centro de porta de templo. A organização sufocou o organismo. Com isso a Missão se torna

apenas mais uma das coisas a fazer dentre inúmeras outras para realizar. A Grande Comissão sai do centro. (FREITAS, 2015, p. 106)

Apesar de estamos vivendo um momento histórico bastante turbulento e desafiador, cheio de transformações, Stott nos exclama:

Não é hora de sucumbir ao desespero por causa dos desafios advindos do declínio da igreja ou ficar na defensiva dentro da sociedade multicultural. É hora de reaver o que o teólogo Lesslie Newbigin chamou de “confiança adequada” no evangelho – nem impor o evangelho aos outros, nem ser tímido para reter suas verdades – e mater-se firme no meio de uma comunidade que é construída sobre areia movediça. (STOTT, 2014, p. 77)

Pensando nisso, apresentamos aqui neste ponto alguns apontamentos práticos do fazer/ser discípulo de Cristo, para aqueles que anseiam por desenvolver uma caminhada íntegra e sincera com seu Senhor e ajudar outros a ingressarem e permanecerem firmes nessa caminhada.

Salientamos primeiramente a dimensão do “Ser” do discipulado cristão. Todos nós cristãos fomos chamados a vivenciar nas nossas cotidianidades o processo de imitação não só dos discursos proclamados por Jesus, mas suas ações práticas.

Se quiser desenvolver o discipulado cristão autêntico, o sujeito precisa de fato e de verdade seguir os passos de Jesus, negar a si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo, como registrado em Mateus: 16, 24. Dessa forma suas palavras e práticas precisam manifestar transformação de acordo com os moldes do mestre, é um mergulho numa outra dimensão de consciência, abrir mão de tudo o que antes fazia parte de sua velha vida, para viver a nova vida proposta pelo Cristo. Não se trata de somente compreender e explicar as palavras do Mestre, mas também de materializar os aprendizados nas suas ações práticas, fazer o que o mestre faz. Sobre isso Bonhoeffer diz:

O indivíduo que foi chamado deixa para trás tudo o que possui não com o intuito de fazer algo especial, mas simplesmente por causa do chamado de Jesus, pois de outro modo não pode seguir seus passos. [...] Tem de abrir mão de tudo o que viveu; o que é velho deverá ficar para trás. (BONHOEFFER, 2016, p. 33)

O discípulo de Jesus precisa buscar conhecê-lo, “acentar aos pés” e aprender com ele, é deixar-se ficar encoberto pela poeira dos seus pés de tanto segui-lo (KIVITZ, 2016). A dimensão do “ser” discípulo é vivencial, intransferível, obediente, o seguimento é pessoal,

não é simplesmente está seguindo a multidão, mas decidir estar com o Mestre mesmo quando a multidão se esvai.

Não é seguir determinado seguimento religioso, ou aprender certa doutrina, pois “uma ideia de Cristo, um sistema doutrinário, um conhecimento religioso geral da graça ou do perdão dos pecados não implicam, necessariamente, o discipulado; na verdade isso tudo pode até excluí-lo e, aliás, tornar-se seu inimigo” (BONHOEFFER, 2016, p. 34)

Por seguinte, pensamos a dimensão do “Fazer” discípulos. Essa dimensão é relacional, íntima imitativa, dialógica, intencional, nela o crente já está encharcado pelos ensinamentos do mestre e os pratica nas suas rotinas cotidianas, e começa então a “ajudar alguém a seguir Jesus ao exercer de forma intencional uma boa influência espiritual sobre a vida dessa pessoa. [...] Discipular é parte do nosso próprio discipulado a Cristo” (DEVER, 2016, np).

O fazer discípulo é dialogal não impositivo, um amoldamento mútuo segundo os norteamentos conceituais e práticos deixados por Jesus Cristo, nele os sujeitos caminham juntos a fim de se tornarem mais semelhantes àquele que os chamou. Ser discipulador é ser um referencial uns para os outros de como se deve imitar a Cristo. Esse processo se desenvolve via relacionamentos entre pessoas imperfeitas que estão vivenciando o processo de santificação, e buscam humildemente serem discípulos autênticos do Messias, por terem ouvido o seu chamado.

Essa é uma tarefa intransferível para todo crente, todo aquele que segue a Jesus deve necessariamente fazer discípulos, tanto dentro das comunidades de fé, como também de pessoas que ainda não tenham tomado a decisão pública de seguir a Jesus. Não se trata de um programa ou de um departamento para pessoas que concluíram algum tipo de curso de discipulado, ele acontece na dinâmica da vida, vida na vida, gente cuidando de gente.

Para esse processo ser eficaz a oração, estudo da bíblia, comunhão com outros crentes, e um bom testemunho são primordiais. Os passos para o desenvolvimento do discipulado são orgânicos, partem da escolha de alguém para caminharem juntos, alguém que receberá atenção, a quem será empregado tempo e recursos.

Para isso é preciso vencer o materialismo pois poderão haver situações onde o emprego de recursos financeiros serão necessários, seja para ajudar o discípulo em algum problema ou até mesmo investimentos de recursos para que possam se encontrar. É preciso também subjugar o individualismo, pois, como recorda Dever (2016, n.p): “o cristianismo sempre é pessoal! —

mas não particular. É preciso envolver-se com a vida de outras pessoas, e elas precisam envolver-se com você. Deus é o único que não precisa ser ensinado”.

Nesse sentido é incongruente ser seguidor de Jesus é viver envolvido pelo egocentrismo, pois todos foram chamados para servir (MATEUS: 10. 42-45), sair da posição de consumidores, para então serem participantes ativos da Missão de Deus. A grande comissão deve ser a prioridade de todo crente, e ela se implementa por meio de relacionamentos e do serviço.

Construir esse relacionamento sólido em tempos de líquidos é um grande desafio, pois em nossos tempos eles cada vez mais flexíveis, fragmentados. É preciso construir amizades, intimidade, confiança para que se possa desenvolver o discipulado nesta sociedade líquida. Os relacionamentos virtuais são priorizados justamente por possuírem o caráter do anonimato, descompromisso, fáceis de serem desfeitos e esquecidos, diferentemente das relações reais.

As mídias sociais com a sua capacidade de produzir a sensação de novos mundos e novos corpos, e o frenesi de seus infinitos conteúdos e possibilidades de socialização são mais atraentes de que uma classe de discipulado impessoal no meio da semana. Mas um amigo que marcar um encontro com outro amigo para conversarem e tomarem um sorvete juntos tem maior impacto na vida do sujeito e maior probabilidade de aceitação, por não se algo mecânico e passivo, mas completamente orgânico, ativo.

É importante salientar que todo encontro discipular deve ser encarado como uma oportunidade de compartilhar com a pessoa as verdades do evangelho, aquilo que Deus fez na sua vida pessoal, ensinando as pessoas a obedecerem a Deus, não apenas com estudos bíblicos, mas com nossas próprias ações. Sobre Mark Dever (2016), exclama o seguinte:

Por meio do discipulado, as pessoas serão informadas do motivo pelo qual os cristãos oram, por que compartilham o evangelho, por que se unem à igreja, por que o conhecimento da soberania de Deus impacta nosso modo de viver, e muito mais. Discipular não diz respeito apenas a prestação de contas e a mudança de comportamento. Jesus manda que façamos discípulos ensinando-os a obedecer, mas eles não podem obedecer a ensinamentos que não receberam. Precisamos primeiro ensiná-los. (DEVER, 2016, np)

A mensagem do evangelho é a base para todo relacionamento discipulador e não pode ser negligenciada. É preciso ajudar as pessoas a viverem melhor, a manifestarem de forma prática em suas atitudes com seus familiares, amigos, vizinhos e conhecidos os ensinamentos do Jesus, sendo pessoas imitáveis diante da sociedade, como o Apóstolo Paulo afirmou aos

Filipenses: “Irmãos, sede meus imitadores e mantende os olhos em quem anda de acordo com o exemplo que tendes em nós” (FILIPENSES: 3.17).

É um processo de reconstrução de perspectivas de vida, cosmovisões são transformadas para a cosmovisão do Cristo, e isso afeta todos os âmbitos da relação humana. Por fim, pensamos aqui a prestação de contas, ou o fazer perguntas à pessoa que está sendo discipulada, como parte muito importante do fazer discípulos.

Nesse momento as dificuldades pessoais e as demandas exteriores e interiores serão afloradas, devendo o discipulador estar sempre sensível às questões que submergirão desse momento de compartilhar das experiências pessoais. É uma forma de acompanhar também o progresso de crescimento espiritual do discípulo para que vivenciem sempre um movimento crescente e não decrescente na caminhada do aperfeiçoamento. Relacionamentos Discipuladores exigem esforço, disposição para orar, visitar, estudar, escutar, perdoar e amar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Igreja Cristã Brasileira precisa refletir sobre as demandas do seu tempo que interpelam a construção do entendimento da missão dada pelo Seu Senhor, e a execução prática dessa missão. Em um momento da história que é marcado por rompimentos e transformações de perspectivas, paradigmas, construção de um novo mundo, um novo homem, não se pode negar que os sentidos do discipulado cristão têm sido perdidos de vista e tem dado lugar a uma cosmovisão encharcada por preceitos e comportamentos secularizados, pautados no consumismo, relativismo, individualismo, entre outros fatores que atravessam as vivências das sociedades hodiernas.

Embora os desafios sejam vultosos, a igreja não pode se acuar dando lugar aos parâmetros sociais, culturais, econômicos, filosóficos desta era e deixando de lado os ensinamentos deixados pelo Senhor Jesus Cristo na sua prática e palavras, bem como a sua ordem de que se faça discípulos de todas as nações, pois esta é a Missão de Deus.

Diante dos desafios do pluralismo a igreja precisa alicerçar suas perspectivas bíblicas e saber dialogar com as demais perspectivas presentes no mundo, o discipulado não pode ser encarado como uma imposição de pensamentos, mas como um processo mútuo de crescimento e compartilhar de experiências na caminhada rumo ao aperfeiçoamento. O cristão discipulador deve desenvolver formas dialógicas de comunicar mensagem do evangelho, ao

mesmo tempo em que demonstra compaixão e graça, respeito aos pensamentos divergentes de grupos e culturas que possuem uma perspectiva de mundo diferente da sua compreensão.

Para o desenvolvimento do relacionamento discipulador é necessário humildade ao pensar em como encarar e dar respostas a essas novas questões de valores e práticas que afetam o homem pós-moderno que vive mergulhado em profundas crises de identidade, envolto por suas diversas mídias eletrônicas que o bombardeiam de informações, carregando seu coração para os mais distintos caminhos que supostamente o levam para Deus.

A Igreja vive uma fase da história marcada de profundas transições, as certezas que pautavam a sociedade moderna, ou na antiguidade, não possuem mais a mesma autoridade no balizamento da vida contemporânea. A relevância da igreja é mínima, o momento histórico-cultural-social exige que haja um maior entendimento do que é seguir a Jesus e de como fazer seguidores Dele. Seguidores do Cristo que se infiltrarão nas mais diversas instâncias da sociedade, transformando o mundo e seus valores, impactando as pessoas com a mensagem da cruz, com as suas vidas simples, com a compaixão e graça que recebemos do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.

CARVALHO, Diogo. **Relacionamento discipulador: uma teologia da vida discipular**. Rio de Janeiro: JMN, 2016.

\_\_\_\_\_. **Discipulado, Perspectivas e Dimensões**. VIA TEOLÓGICA, v. 20, n. 39, p. 89-120, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/116>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2020.

DEVER, Mark. **Discipulado : como ajudar outras pessoas a seguir Jesus.**São Paulo : Vida Nova, 2016.

FREITAS, Fabrício. **A grande comissão: passado e presente.** Revista Ensaios Teológicos, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://ead.batistapioneira.edu.br/ojs/index.php/ensaios/article/view/78>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2020.

GREENWAY, Roger S. O DESAFIO DAS CIDADES. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (org). **PERSPECTIVAS: No movimento cristão mundial.** São Paulo: Vida Nova, 2009. Cap. 76, p. 576-581.

KIVITZ, Ed René. **Talmidim 52: o passo a passo de Jesus em meditações semanais.** São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

\_\_\_\_\_. **Quebrando paradigmas.** São Paulo: Abba Press, 2008.

Kopeska, Marcos. **O pastor na modernidade líquida: como sobreviver a esta era e ter um ministério duradouro.** Curitiba : Schütz, 2018.

MADUREIRA, Jonas. **O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo.** São José dos Campos: Fiel, 2019.

MOORE, Waylon. **Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja.** Rio de Janeiro: Convicção, 2015.

NEGRÃO, Lísias Nogueira (2005). **Nem “jardim encantado”, nem “clube dos intelectuais desencantados”.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 20 n. 59. São Paulo, 2005. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092005000300002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092005000300002&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso 23/04/2020.

STOTT, John. **Os cristãos e os desafios contemporâneos.** Viçosa: Ultimato, 2014.

VASCONCELOS, Elias. **Discipulado: o caminho da cruz.** Foz do Iguaçu: Letras, 2012.

VILLASENOR, Rafael Lopez et al. **OS" SEM RELIGIÃO" NO CIBERESPAÇO: Interfaces da religiosidade nas comunidades virtuais.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.